

EROS E ÁGAPE

MARIA JOSÉ CALDEIRA AMARAL

Eros e Ágape – Minne: Amar e Desejar Deus na *Luz fluente da Deidade* de Mechthild de Magdeburg. São Paulo: Editora Reflexão, 2014.

O livro de Maria José Caldeira do Amaral, **Eros e Ágape – Minne:** Amar e Desejar Deus na *Luz fluente da Deidade* de Mechthild de Magdeburg, é uma grande contribuição para os estudos de mística. Fruto de pesquisa de doutorado e de participação em grupos de pesquisa, o livro proporciona o acesso ao livro da beguina Mechthild de Magdeburg, expoente da mística medieval e praticamente desconhecida ao público brasileiro.

O texto de Mechthild, como o apresenta a autora, é uma teologia *sui generis*, fundada em experiência direta de Deus de uma mulher que se sente como fonte de luz. O foco do estudo de Amaral é o modo como a linguagem mística se hipostasia enquanto desejo, amor, conhecimento. A teologia de Mechthild se constitui em conhecimento de Deus tecido a partir de processos teológicos, isto é, conhecimento que tem como fonte a experiência da alma em união com Deus.

O amor ao qual se refere Mechthild, explica Amaral, é aquele que nasce da experiência paradoxal de estar com a alma nua diante da misericórdia divina. O amor que nasce da experiência da misericórdia a Deus que se curva e acolhe, ama incondicionalmente apesar da condição de pecado que escraviza toda a criatura. Mechthild canta em versos, como “trovadora de Deus” a experiência dolorida e prazerosa do amor de Deus-Trindade que a eleva para que flua. Sua indizível experiência de amor é tal que ela chega à ousadia de dizer que suportaria o inferno para que o seu Amado fosse louvado por toda a criatura:

Meu corpo está em grande tormento, minha alma está é sublime alegria; porque ela contemplou e com seus braços envolveu o seu amado. Ele causa nela pobre desventura, infelicidade (miséria), tormento. Quando ele a eleva, ela flui. Ela não consegue se conter até que ele a traga para dentro dele mesmo. Ela gostaria de falar, mas não consegue porque ela foi totalmente ferida em união sublime com Trindade imponente

(o temor da Trindade). Então ele a deixa por um breve momento e ela deve se sentir ansiando. Ela deseja o seu louvor, mas não sabe encontra-lo como ela gostaria. Ela até gostaria que ele a enviasse ao inferno, para que ele fosse louvado além da medida por todas as criaturas. Ela olha para ele e diz para ele: Deus dá-me a sua bênção. Ele olha para ela, eleva-a novamente e faz a ela uma saudação que o corpo não consegue expressar. (MM, VII, 6. Apud: AMARAL, 2014, p.35-36).

Mechthild descreve um processo amoroso em que eros e ágape não competem. Na linguagem do texto, afirma Maria José, observa-se uma dissolução de ágape em eros e de eros em ágape no trato da relação da alma com Deus, “estes dois conceitos são fontes e, ao mesmo tempo, possibilidade humana paradoxal e fragmentada, que se alternam entre si, se confundem, se transformam, e culminam no esvaziamento – estado de certeza e receptividade da graça divina”. (AMARAL, 2014, p.37).

O primeiro capítulo do livro trata da contribuição de Mechthild para o debate sobre o conhecimento de Deus na Europa da Idade Média pós ano mil, cujo objetivo se configurava em três frentes de especulação imbricadas: “o *intellectus fidei* (o entendimento profundo da fé) e a *experientia caritatis* por meio dos quais aquele que acredita pode chegar ao mais alto entendimento do amor que corresponde à *intelligentia amoris*

(p.48). Três formas de conhecimento compõem esforços para o conhecimento de Deus nos séculos XII e XIII, reflete Amaral, amparada nos estudos de Bernard McGinn: a teologia escolástica, a teologia monástica e a teologia em língua vernácula formalizada em gêneros literários e estabelecida como *Erlebnismystic* (mística experiencial).

Os escritos de Machthild, ao lado de outros, vão contribuir no debate teológico apresentando o amor como conhecimento subsidiado pelo relato da experiência, e tem como referência na tradição a doutrina de São Jerônimo que afirma o amor como uma forma de conhecimento e o conhecimento como uma forma de amor – *amor ipse intellectus est*. O conhecimento de Deus, liberto das amarras intelectuais, toma a forma de um relato de uma experiência única, íntima e suspensa na mais alta profundidade amorosa. O livro tem características similares às Confissões e aos Solilóquios de Santo Agostinho, “as confissões de Machthild expressam o louvor e a bondade de Deus e um senso de sua própria condição de pecado e miséria” (p.53). No entanto, a experiência de amor entre Deus e a alma, nos escritos dessa mulher, vão ser registradas sob a influência da poesia medieval cortês “na qual a falta, a distância e a impossibilidade desse amor, faz os amantes se confinarem ao

desejo” (p.55). É na literatura secular que ela encontrará os recursos para compor sua teologia amorosa.

No segundo capítulo, Amaral apresenta Mechthild, ou melhor, pede a ela mesma se apresente. O capítulo traz longas citações do livro que segundo essa beguina, refere-se a ela somente e declara de maneira louvável a sua intimidade (MM, I, Prólogo. Apud: AMARAL, 2014, p89). Mechthild que morreu, ao que tudo indica, no convento de Helfa, onde passou os últimos anos de sua vida (de 1270 a 1282), viveu como beguina, isto é, fez parte de um grupo de mulheres religiosas que viveram em comunidades e que dedicavam suas vidas ao serviço apostólico elegendo como mestras, Marta e Maria, em uma atitude devocional de ação e contemplação. Nos escritos dessas mulheres “eros e ágape regem a união da alma com Deus”. Os relatos dessa união se sustentam na tradição monástica cisterciense e tem como referência fundamental a interpretação do Cânticos dos Cânticos iniciada por Orígenes e continuada na Idade Média por São Bernardo de Claraval. “O fino amor, o amor cortês, o desejo, a distância, a falta, a loucura, o amor violento, o amor insano, o verdadeiro Amor, o aniquilamento estão lavrados na linguagem da experiência do amor de Deus na alma.” (AMARAL, 2014, p.66) A

linguagem dessas mulheres religiosas, destaca Amaral, mesmo estando referida a essa tradição monástica tradicional, ultrapassa a linguagem masculina na ênfase que é dada por elas ao efeito devastador da loucura de amor. O amor sponsal entre Deus e a alma é descrito por essas mulheres como “união de profundida abissal na qual a alma torna-se completamente equalizada ao Amado e ao Amante Infinito”. (AMARAL, 2014, p.66). Em seus escritos elas escrevem sobre suas experiências de união com Deus de maneira sensual e sofrida.

Mechthild, segundo ela mesma, é, aos 12 anos, tocada pelo Espírito Santo:

Eu, vil pecadora, fui saudada pelo Espírito Santo em meu décimo segundo ano, quando estava sozinha, em tamanha torrente que após isto nunca mais me permiti ser levada a cometer sequer um pecado menor. Esta saudação preciosa ocorreu todo dia e de forma amorosa carcomeu toda a doçura que eu sentia pela terra, e dia a dia isto continua intensificando. Isto aconteceu durante trinta e um anos.(MM, IV, 2. Apud: AMARAL, 2014, p.78).

Durante trinta e um anos, Mechthild foi agraciada por experiências de “doçuras deliciosas” proporcionada pelo conhecimento sagrado do puro amor de Deus por ela em sua condição de “vil pecadora”, até que num momento de arrebatamento, teve a visão da Santíssima Trindade:

Eu vi, com os olhos de minha alma em celestial felicidade, a bela humanidade de nosso Senhor Jesus Cristo, e reconheci em suas sublimes feições a Santíssima Trindade – a eternidade do pai, o sofrimento do Filho, a doçura do Espírito Santo. (MM, IV, 2. Apud: AMARAL, 2014, p.79).

Na visão de Mechthild, quatro raios são lançados continuamente do arco da Trindade Sagrada em seu trono divino através dos nove coros (possível referência à nove ordens angélicas) e atingem amorosamente a todos, ricos e pobres. E a humanidade tocada pela luz incompreensível da Deidade, saúda os coros em fraternal companhia. Numa bela citação da visão de Mechthild, Amaral nos possibilita conhece-la como anunciadora da ação amorosa de Deus junto à humanidade, arauto da esperança de harmonia numa época de crise, caos, guerras e disputas:

Não há ninguém, rico ou pobre, a quem o raio não atinja amorosamente. O raio de luz da Deidade lança luz incompreensível através dele, a humanidade amorosa os saúda em fraternal companhia, o Espírito Santo os toca com a inundação da maravilhosa abundância da alegria eterna; o Deus Uno os alimenta com o cintilar de sua gloriosa expressão e os preenche com a alegre respiração de sua boca fluente; eles deslizam sem esforço, como pássaros no ar o fazem quando não movimentam suas asas, e eles voam sempre que desejam, corpo e alma, mas ainda mantêm-se separados em sua própria ordem, a Deidade toca, a humanidade canta, o Espírito dedilha a arpa dos céus e todas as

vibrações ressoam, pois são tocadas com amor. (MM, II, 3. Apud: AMARAL, 2014, p.80)

Nos dois últimos capítulos, Amaral vai se dedicar à sua tese, demonstrar que o amor do qual fala Mechthild, *Minne* - o cúmulo do amor -, é forma de conhecimento que tem como base a experiência vital do amor de Deus. “O cúmulo do amor é o amor a Deus e o amor de Deus experimentado pela humanidade que abre mão da humanidade para deixar Deus ser o que ele é.” (AMARAL, 2014, p.101). O termo *Minne* está associado a uma dinâmica e um movimento erótico e agápico constante, único e complementar na origem e na fruição da experiência direta de Deus. Na obra da Beguina,

O retorno da alma pecadora a Deus se dá no esgotamento no qual ela se rende ao contínuo movimento do desejo de adentrar no interior da Santíssima Trindade (*eros*) e constata o mesmo desejo (*eros*) de Deus em relação à alma, na configuração trinitária que desfaz de seu próprio ágape e se reveste de desejo direcionado à alma esgotada e rendida ao verdadeiro conhecimento de si mesma que coincide com o conhecimento de Deus. (AMARAL, 2014, p.106).

A alma experimenta em si a paixão do Filho pela humanidade. A encarnação do Verbo é ágape divino travestido em *eros*, a submissão de Deus ao sofrimento humano. “A alma feita de amor é designada por Deus a conhecer a dor, o sofrimento, a renúncia, sendo

ela mesma portadora da própria síntese trinitária em sentido estrito: um lugar onde essa mesma dor é acessível pela luz que flui da divindade

em desejo e falta – pelo penhor da humanidade fragmentada”. (AMARAL, 2014, p.158).

CECI MARIA COSTA BAPTISTA MARIANI

Doutora em Ciências da Religião pela PUC/SP. Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Professora na Faculdade de Teologia e no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas. Membro da SOTER, Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, conselheira do Regional São Paulo e coordenadora do Grupo de Trabalho “Espiritualidade e Mística”.
E-mail: cecibm@puc-campinas.edu.br

*Recebido em 25/05/2015
Aprovado em 30/06/2015*